

Não me lembro bem que horas eram, quando nesse belo dia de Primavera acordei com o chilrear dos passarinhos que vinham pousar no beiral da janela do meu quarto. Só sei que ao acordar, tive de repente uma estranha sensação de que não estava na minha cama. E de facto não estava, aquela casa era o casal transmontano de Valbom dos Figos, onde viviam os meus avós e onde eu ia passar parte das minhas férias.

Entretanto, ainda eu nem sequer tinha tomado conta da situação, já a avó Li trupava na porta do quarto, pedindo licença para entrar, se bem que a porta já estivesse toda escancarada.

A avó Li quis ser a primeira a dar-me os parabéns pelo meu décimo terceiro aniversário. Nesse dia diverti-me imenso com os meus primos e com a minha irmã que apesar de ser um pouco mais velha, participou entusiasticamente em todas as brincadeiras.

À tarde fomos passear pelos campos, colher flores e frutos que íamos juntando num cesto, para o piquenique que fizemos depois junto ao Rio Tuela, abrigados do Sol, debaixo de um enorme Plátano.

Ao jantar reuniu-se toda a família, alguns amigos e vizinhos da aldeia, num convívio muito animado que foi ao rubro quando chegou a hora de partir o bolo e cantar os parabéns. As luzes apagaram-se, as velas foram acesas e enquanto eu enchia os pulmões de ar, para soprar com a máxima força, um coro meio afinado, entoava a melodia mais popular de todas as vidas.

O momento seguinte foi de grande expectativa. À medida que eu desembrulhava, muito atabalhoadamente as prendas que me tinham oferecido, os convivas dispensavam calorosas e vibrantes ovações, comentando todos os presentes, com sugestões e recomendações para o seu uso.

Por último, o Sr. Amadeu, primo do meu avô Marcos, ofereceu-me uma prenda com a forma de um grande cubo, coberta apenas por um pano, indicando-me que retirasse o tecido. Para grande surpresa e contentamento meu, debaixo daquele pano estava um belo canário Malinois da Bélgica, vestido de cores exóticas, num matizado de fazer inveja aos melhores costureiros de Paris.

Levei-o para junto da janela do meu quarto, enchi-lhe a selha de água e deixei-lhe a gamelinha da comida rasa de alpista.

No dia seguinte, assim que o Sol começou a raiar por entre os cortinados, o Libério desatou numa cantoria pegada que penetrou nos meus sonhos, deixando-me confusa, sem saber se já estava acordada ou se ainda dormitava.

Uns minutos depois, bem desperta e de ouvidos muito atentos, deleitava-me com o canto do Libério. Quase me fazia perder o fôlego de tanta admiração. Até parecia impossível que um pássaro tão franzino fosse capaz de enrolar a cantoria durante tanto tempo.

Olhei para a mesinha de cabeceira e comecei a ler os títulos dos livros que me tinham oferecido. Do meio daquele monte de Literatura juvenil, houve um que me chamou à atenção –“O

Príncipezinho” de um tal Antoine de Saint Exupery. A minha professora da primária já tinha falado muito desse livro e até chegou a ler alguns trechos.

Comecei então a ler o “Príncipezinho”. Ao fim de uma hora, o livro já ia quase a meio, até que empanquei numa das páginas que me deixou a pensar...

Quando a avó Li chamou para o pequeno-almoço, desci e comecei a falar-lhe do livro e de certas passagens que me deixaram muito pensativa.

Confessei-lhe que estava com dúvidas se havia de manter o Libério no cárcere, ou se lhe devia dar a Liberdade.

A avó Li não percebeu logo ao que eu me queria referir quando lhe falei no cárcere do Libério, mas assim que entendeu, não hesitou em falar do passarinho na gaiola.

Sem parar de fazer o que estava a fazer, recomendou-me que abrisse a janela e a gaiola e deixasse que o Libério fizesse a sua escolha.

No primeiro momento fiquei inquieta com a ideia de deixar o Libério ir à vida dele, mas na verdade, a avó lançou-me num terrível dilema que eu não estava a conseguir resolver.

Fui para o quarto e continuei com Saint Exupery, lendo agora de uma forma mais pausada, para poder interiorizar melhor, cada frase, cada ideia, cada pensamento.

À medida que ia desfolhando as poucas páginas do livro, sentia-me cada vez mais confusa e indecisa e às vezes voltava para trás, para reler certas passagens e tentar perceber o que me estava a interpelar tanto a consciência. Aquele escritor estava a prender-me a atenção de uma forma ímpar. Nunca nenhum outro livro me fascinou tanto como o Príncipezinho.

Entretanto fechei o livro e os olhos, concentrando toda a minha atenção nas belas melodias que o Libério cantava para mim, mas por mais que pensasse em manter o seu cativo, mais me interrogava se isso seria a atitude mais justa.

A meio da manhã, a avó Li voltou ao meu quarto, com um tabuleiro muito arranjadinho, recheado de compotas caseiras, cubinhos de marmelada, manteiguinha campestre e umas fatias de pão de centeio, para acompanhar com o copo de leite quentinho que vinha no centro, ainda a fumar.

Derretida com tantos mimosos, enchi-a de beijos e palavras doces, sem contudo deixar de a questionar sobre a provocação que me havia feito ao pequeno almoço e perguntei-lhe se ela estava mesmo a falar a sério, quando me disse para abrir a janela e a gaiola...

Com um sorriso no olhar e uma voz maternal, a avó Li explicou-me que se queremos possuir as pessoas e as coisas que amamos, o mais certo é que nunca sejam inteiramente nossas, sublinhando que temos de as libertar e de nos libertarmos delas e que só assim, as pessoas, os seres e as coisas de que

gostamos, nos poderão algum dia pertencer, avisando-me que esse dia pode ser amanhã, ou depois, enfim, pode ser daqui a muito tempo e que o mais importante é acreditar...

Se eu já estava baralhada, mais fiquei e depois da avó Li sair, voltei a fechar os olhos e a abrir bem os ouvidos, para me deleitar com o canto maravilhoso do meu Libério.

De repente, levantei-me e peguei na gaiola decidida a libertar o meu companheiro de leitura. Hesitei, hesitei, mas depois de algumas tentativas falhadas, abri a janela de rompão, fechei os olhos e abri a portinhola da gaiola. Quem não hesitou nem um segundo foi o Libério e saiu a esvoaçar meio atordoado.

Não consegui ficar à janela a tentar ver que destino tomara. Deitei-me e uns minutos depois estava a choramingar de arrependimento, já cheia de saudade da companhia tão melodiosa do Libério.

A avó Li pressentiu o que acontecera e, providencialmente, veio consolar-me, abraçando-me e fazendo-me festinhas na cabeça, dizendo-me que o que eu acabava de fazer tinha sido um gesto muito bonito, devolvendo à Liberdade, um ser que foi criado para ser livre, por isso é que tinha asas. Na opinião dela, o pássaro não me pertencia, era meu prisioneiro e, quando muito, eu é que seria dele, seria a sua amiga, uma amiga que acabara de lhe dar uma grande prova de amizade.

Antes de sair do meu quarto, a avó Li disse-me com um tom esperançoso que se o Libério gostasse realmente de mim e da minha companhia, mais tarde ou mais cedo havia de voltar.

Durante todo o dia não saí do quarto, correndo insistentemente para a janela, na esperança de avistar o Libério, mas nem sombra dele.

Caiu a noite e nem sinais do meu querido canário.

Quando o meu avô Marcos foi ao quarto para me dar um beijinho de boa noite, pedi-lhe para deixar a luz acesa, acalentando a secreta ideia de que ele poderia voltar e precisava de ver para não se esbarrar contra as coisas. Assim que adormeci, alguém veio apagar a luz.

Naquela noite tive sonhos, passei por pesadelos, voltei a sonhar e passei em revista todo o livro de Saint Exupery. Cheguei mesmo a entrar na história e a falar com o Príncipezinho, lembro-me até que ele cantou para mim uma canção do John Lenon, com uma música de sonho e uma letra belíssima que dizia mais ou menos isto – "...Amo a liberdade, por isso deixo as coisas que amo livres. Se elas voltarem é porque as conquistei. Se não voltarem é porque nunca as possuí...". Em pleno sonho começo a ouvir um belo canário que o Príncipezinho tinha no ombro e que cantava como um tenor dos melhores do Teatro Ala Scala de Milão, dobrando o canto, enrolando as melodias, com variações incríveis que me deixavam encantada. Antes que eu dissesse qualquer coisa, o Príncipezinho disse ao canário, vai para o ombro dela e nunca mais a abandones porque é a ela que pertences, ela é a tua verdadeira amiga.

Como num passe de magia, acordei do sonho com uma melodia cantarolada em fortíssimo de alguém que queria a toda força que eu acordasse. Quando olhei para a gaiola, nem queria acreditar, ali estava diante de mim, o meu amigo Libério.

Saltei da cama e comecei a cantar muito alto, acordando os meus avós que vieram a correr sobressaltados, encontrando-me no quarto a dar pulos de alegria, anunciando que o Libério estava de volta.

Trouxe água e comida para o alimentar e voltei a refastelar-me na minha cama a contemplar a beleza do colorido e do canto do Libério.

O avô Marcos, espantado perguntou-me se não fechava a gaiola, advertindo-me que o pássaro podia voltar a fugir...

Não me contive e, em jeito de sermão, disse-lhe que o Libério não era nem minha propriedade, nem meu prisioneiro, era meu sim, mas meu amigo e eu dele e se ele voltou era porque também pensava o mesmo e que a partir desse momento aquela era a casa dele e que, tal como eu, o Libério iria poder sair para voar e voltar quando lhe apetecesse, porque eu nunca mais iria fechar a gaiola e até exigi que o meu avô abrisse um buraco num dos vidros da janela do meu quarto, à medida do meu amigo, para ele passar..

Abanando a cabeça, o avô Marcos chamando a minha avó pelo seu nome, Liberdade, exclamou com um ar jocoso –“estás a ver no que dá ler os livros desse Saint Exupery?...”.

A avó Li pôs o seu sorriso no olhar e em tom muito doce disse-me – “não liguês minha filha, o teu avô sabe bem que nós só estamos casados há quase cinquenta anos porque a porta da nossa casa nunca esteve trancada, foi sempre uma entrada, para nós os dois, para os nossos filhos, netos...”.

Leonor Lapa